

## **Solidão e sentimento de existência nos Devaneios de J.-J. Rousseau**

Jacira de Freitas<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

[jacira.freitas@unifesp.br](mailto:jacira.freitas@unifesp.br)

**Resumo:** Um dos desafios para interpretar o pensamento de Rousseau consiste no problema da articulação entre a vida e a obra do filósofo. Somente após os estudos de Starobinski, a articulação entre as teorias e as experiências de vida do filósofo passou a ser considerada mais seriamente. Apesar da centralidade da questão da interferência das transformações sociais e econômicas nas relações interindividuais, esta interpretação põe em destaque as modificações psicoemocionais, produzidas pela disparidade crescente entre a vida privada e a maneira como o indivíduo se apresenta na vida social. Nesse contexto, o problema da unidade do indivíduo e sua autenticidade torna-se objeto de uma análise minuciosa, que envolve uma nova compreensão do pensamento do filósofo genebrino, a partir de sua obra autobiográfica. O texto aqui apresentado dedica-se a discutir passagens da obra autobiográfica *Les Rêveries du promeneur solitaire* escrita ao final da vida do filósofo, as quais enunciam a possibilidade de superação do problema da dissociação do eu interior, presente na crítica à civilização, inserida nas obras teóricas do filósofo.

**Palavras-chave:** *Solitude*. Sensibilidade. Existência. Rousseau.

## **Solitude and the feeling of existence in J.-J.'s Reveries. Rousseau**

**Abstract:** Rousseau's thought presents a difficulty in its interpretation: the problem of the association between life and work of the philosopher. After Starobinski's studies, the articulation between the philosopher's theories and life experiences will be considered more seriously. Despite the centrality of the issue of the interference of social and economic transformations in inter-individual relations, this interpretation highlights the changes psycho-emotional, produced by the growing disparity between private life and the way in which the individual projects himself in social life. In this context, the problem of the unity of the human being and its authenticity becomes the object of a thorough analysis that involves a new understanding of the Genevan philosopher's thought, based on his autobiographical texts. The text presented here is dedicated to discussing passages from *Les Rêveries du promeneur solitaire*, autobiographical text, written at the end of the philosopher's life, which enunciate the possibility of solving the problem of rupture of the Ego, present in the criticism of civilization, inserted in theoretical texts.

**Keywords:** *Solitude*. Sensibility. Existence. Rousseau.

---

<sup>1</sup> Doutorado e Pós-Doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo, Estágio Pós-Doutoral Université Paris 1 – Sorbonne. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4496115893686703>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6475-5643>

“Conhecer-se é um ato simples e instantâneo. Não há diferença entre conhecer-se e sentir-se e, em Rousseau, o sentimento decide imediatamente a inocência essencial do eu”.

Starobinski

## **Introdução**

A obra de Jean-Jacques Rousseau traz como um dos desafios para sua interpretação, a estreita relação entre a vida e a obra do filósofo. Somente após os estudos de Starobinski se passaria a considerar mais seriamente a articulação entre as teorias e as experiências de vida do filósofo genebrino. Não obstante a centralidade da questão da interferência das transformações sociais e econômicas nas relações interindividuais, a interpretação de Starobinski coloca em primeiro plano as modificações psicoemocionais, as quais são produzidas pela ruptura e crescente disparidade entre o universo interior do indivíduo e a maneira como esse se projeta no exterior. Nesse contexto, a problemática da unidade do ser e sua autenticidade, perpassada pelo tema da solidão e da existência fora de si, torna-se objeto de uma análise minuciosa que trará uma nova compreensão do pensamento do filósofo genebrino, a partir de sua obra autobiográfica. O texto aqui apresentado dedica-se a discutir as passagens dos *Devaneios* que enunciam a possibilidade de superação da dissociação do eu interior, presente na crítica à civilização, inserida nas obras teóricas. No derradeiro registro autobiográfico, a multiplicidade de instantes vividos deixa de ser percebida como adesão à sociedade corrompida para adquirir nova significação. O deslocamento para o âmbito da sensibilidade favorece a imersão na unidade e na autenticidade do eu, que ao se experimentar plenamente, pode ascender a um estado psicoemocional em que a consciência humana se expande, permitindo escapar aos controles opressivos. Pretendo com isso evidenciar a necessária reflexão acerca das consequências da indisponibilidade predominante, em nossa época, para o contato consigo mesmo, que torna possível a compreensão de si e do mundo, indisponibilidade acentuada pela imersão incessante no tumulto da vida social, cada vez mais acelerado pelas novas tecnologias digitais.

Nos textos políticos, e mesmo em passagens de outras obras, como no romance *A Nova Heloísa*, o núcleo da crítica rousseauiana à civilização encontra-se nas exposições e análises acerca das desigualdades sociais, da discrepância entre o progresso das técnicas e a qualidade de vida, e ainda, do problema moral da desintegração da personalidade da pessoa humana. Esses problemas estão associados ao abandono de uma dimensão interior, em razão da expansão do ego narcísico e sua busca de satisfação pessoal. Esse movimento se deflagra com a saída da dimensão das puras sensações para aquele do domínio do entendimento. Nessa perspectiva, o falseamento da percepção de si mesmo trazia sérias implicações não somente para o próprio indivíduo, mas também

para a sociedade na qual estava inserido, já que construída a partir de seres atomizados, fragmentados e, portanto, desconectados do interesse da coletividade.

Mas, se as análises das obras teóricas de Rousseau apontavam para a existência de uma espécie de véu a encobrir, nos seres humanos, cada vez mais acentuadamente, a percepção de si mesmo, enquanto se consolidava sua imersão no mundo dos signos e sinais convencionais, a obra autobiográfica, em especial, os *Devaneios* realçam o seu desvelamento. Ninguém melhor que Starobinski pensou e interpretou o tema da transparência, no âmbito da obra de Rousseau. Para ele, o véu que separa o homem das coisas somente poderá desvanecer-se se ele puder redescobrir a pura sensação (Starobinski, 1991, p. 228) ou algo equivalente, um sentimento capaz de trazê-lo de volta a si mesmo. Isso porque quanto mais fundo o ser social rousseauiano mergulha no universo representativo e simbólico e a razão passa a presidir seus julgamentos, o acesso à dimensão da vida subjetiva torna-se raro e o sentimento de si mesmo quase deixa de ser perceptível. O impasse só poderá ser resolvido quando da ampliação da percepção dos limites do eu, movimento fugaz que se opera pela transposição do plano de existência presidido pelo entendimento para aquele da sensibilidade. Liberada dos bloqueios impostos pelos raciocínios lógicos, a sensibilidade pode atuar livremente na expansão da alma. As descrições dos *Devaneios* revelam que quando liberado dos limites que o restringem na vida cotidiana, o indivíduo pode acessar outros níveis de existência que permitem atingir sua condição originária de equilíbrio. No plano físico, o deslocamento da esfera cognitiva para a esfera da sensibilidade manifesta-se no contato direto com a natureza, na apreensão de imagens, sons, cores, texturas; no plano psíquico, pela imersão imediata em si mesmo, e acolhimento dos conteúdos mentais que chegam com os devaneios. Escapando à esfera cognitiva e sem a interferência do ego narcísico, nutrido pelos controles opressivos (internos e externos), aos quais se submete, a alma experimenta uma ampliação de suas fronteiras, não mais impostas pelos seus julgamentos e crenças. A estruturação do mundo interior, nos *Devaneios*, se articula pelas noções de *solidão* e *sentimento de existência*, que permitem a problematização do saber sobre si mesmo<sup>2</sup>.

### **Solidão e sentimento de existência nos Devaneios**

Rousseau considera suas vivências internas e as experiências de sua própria vida essenciais para a compreensão de sua obra. Isso dificulta a tarefa do intérprete na articulação da subjetividade

---

<sup>2</sup> A obra rousseauiana apresenta uma particularidade: a intersecção entre o falar sobre si mesmo e a obra teórica. Podemos observar o entrelaçamento de temas: a noção de *solidão* tanto aparece nos *Devaneios*, quanto nas análises teóricas sobre a vida social, nas sociedades modernas, em função da dicotomia que se instaura entre a vida pública e a vida privada, mais precisamente entre a esfera da vida interior e a esfera da vida social. Há ainda um desdobramento da noção de *solidão*: nos *Diálogos*, esta noção traduz a ideia de abandono e exprime a separação que se opera quando do exercício da comparação entre sujeito-objeto; ao passo que, nos *Devaneios*, ela surge como uma espécie de qualidade que favorece o acesso a si mesmo, estando vinculada à ideia de superação do antagonismo social, como se lê na Segunda Caminhada: “*Ces heures de solitude e de méditation sont les seules de la journée où je sois pleinement moi et à moi sans diversion, sans obstacle, et où je puisse véritablement dire ce que la nature a voulu*” (Rousseau, 1959, p. 1002).

dos processos psíquicos do discurso autobiográfico com os conteúdos ordenados de maneira racional e objetiva, em função de um quadro conceitual. Outro desafio, na interpretação do discurso autobiográfico, está em determinar a verdade ou falsidade dos fatos trazidos pelas memórias.

Starobinski mostrou que é somente no que diz respeito ao observador externo que Rousseau estabelece a existência de uma parte incognoscível do mundo interior: “*A perspectiva da profundidade psicológica - perspectiva estreitamente dependente da dimensão temporal do passado - escapa por princípio ao observador externo, cujo olhar não pode ir mais longe que a superfície, nem remontar a quem no presente*” (Starobinski, 1991, p. 194). Aqui se enuncia o princípio pelo qual o sistema rousseauiano pode ser definido: a recusa tanto quanto possível de mediações. O acesso à realidade interior se dá de maneira imediata, o universo interior só pode se revelar inteiramente para o próprio sujeito, ao passo que para o observador externo a explicação das causas das ações depende de conjecturas. A autobiografia é o único discurso capaz de exprimir a verdade, porque nela a transmissão da experiência vivida é feita sem a interferência de terceiros. No entanto, não se trata de uma revelação imediata, pois a compreensão dos estados interiores da alma humana depende do próprio indivíduo: “[...] *os verdadeiros e primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim quanto eu poderia imaginar*” (Rousseau, 2022, p. 108).

Starobinski demonstrou que mesmo quando partem de uma confissão da incompreensão de suas motivações, as meditações autobiográficas de Rousseau conduzem à “evidência interior” (Starobinski, 1991, p. 188). No entanto, como responder à possível objeção de que a incapacidade de dissimular não pode se sustentar somente na suposição de que a exteriorização do sentimento é sempre *imediatamente*. Essa incongruência é ressaltada pelo intérprete: a autopercepção do filósofo conduz à crença de poder exprimir seus sentimentos de maneira autêntica.

Além disso, a evidência interior tende a exteriorizar-se imediatamente: Jean-Jacques se diz incapaz de dissimular. O sentimento torna-se sinal e se manifesta abertamente a partir do instante em que é experimentado... Rousseau quer acreditar que todos os seus movimentos afetivos são legíveis em seu rosto[...] Mas não basta oferecer-se a todos os olhares, é preciso ainda que os outros aceitem ver a verdade assim oferecida [...] O erro está, portanto, no olhar dos outros [...] O que os escritos autobiográficos vão colocar em discussão não será o conhecimento de si propriamente dito, mas o reconhecimento de Jean-Jacques pelos outros. (Starobinski, 1991, p.188).

E mais adiante: “Não basta viver na graça da transparência, é preciso ainda dizer sua própria transparência, dela convencer os outros” (Starobinski, 1991, p. 189). Se Starobinski nestas passagens de sua obra *Transparência e Obstáculo* insiste sobre a certeza de Rousseau acerca do caráter cristalino da sua vida subjetiva, e se afirma que ela “*aflora espontaneamente à superfície*” é porque não lhe escapa a verdadeira dimensão dessa vida subjetiva, à qual Rousseau atribui tal estatuto:

A vida subjetiva, para Rousseau, - nos diz Starobinski – não é por si mesma uma vida “oculta” ou recolhida na “profundeza”; aflora espontaneamente à superfície, e a emoção é sempre demasiadamente poderosa para ser contida ou reprimida (Starobinski , 1991, p. 188).

Ao operar, em nosso modo de existir, um deslocamento para a dimensão da sensibilidade, nossos estados interiores se transmitem de maneira espontânea e cristalina, tornam-se visíveis a todos. Portanto, se o erro só pode ser atribuído ao observador externo é porque o sujeito que reivindica para si o privilégio de julgar suas próprias motivações e experiências de vida, ao se deslocar para a dimensão da vida subjetiva estará resguardado das incertezas próprias aos estados mentais engendrados pelas faculdades da alma. Esses estados, por estarem subordinados ao domínio do entendimento e da *imaginação*, comprometiam o acesso à verdade. Rousseau se vê como alguém incapaz de dissimular pois acredita poder adentrar uma esfera de sua existência, na qual os acontecimentos de sua vida podem ser apreendidos sem qualquer risco de deformação. Mas em que consiste esta esfera da vida subjetiva? No primeiro parágrafo da *Segunda Caminhada*, lemos:

Portanto, tendo concebido o projeto de escrever o estado habitual de minha alma na mais estranha posição em que jamais possa ter se encontrado um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais segura de executar essa empresa do que manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e os devaneios que as preenchem quando deixo minha mente inteiramente livre e minhas ideias seguem sua inclinação sem resistência e sem constrangimento. Essas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia nas quais apreendo plenamente o meu ser e a mim mesmo sem diversão, sem obstáculo e no qual eu podia verdadeiramente dizer o que a natureza queria (Rousseau, 1959, p. 1002).<sup>3</sup>

A expressão “minhas caminhadas solitárias e os devaneios que as preenchem” revela um estado de consciência diferente daquele em que habitualmente nos inserimos na vida cotidiana, único momento capaz de engajá-lo num percurso interior que pode assegurar a verdade na percepção de si e o seu registro fiel. Tal projeto concentra-se assim na imediatez de sua existência interior e suas imperturbáveis disposições de alma, que inspiram um tal estranhamento, a ponto de fazê-lo acreditar ser o único ser vivente a experimentá-las.

Por caminhadas solitárias entenda-se não apenas os passeios pelas vinhas e pradarias ou outras paisagens bucólicas, mas sobretudo o percurso da vida interior identificado à atualização dos estados da alma. Os devaneios que elas suscitam, isto é, os conteúdos que irrompem quando a mente está inteiramente livre parecem mais identificados às imagens e sensações representativas do que às ideias propriamente ditas, já que ele afirma que suas ideias seguem a própria inclinação, sem qualquer

---

<sup>3</sup> Grifo nosso, assim como a tradução do original da *Pléiade*: “Ayant donc formé le projet de décrire l'état habituel de mon ame dans la plus étrange position où se puisse jamais trouver un mortel, je n'ai vu nulle maniere plus simple et plus sûre d'exécuter cette entreprise, que de tenir un registre fidelle de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent, quand je laisse ma tête entierement libre, et mes idées suivre leur pente sans résistance et sans gêne. Ces heures de solitude et de méditation sont les seules de la journée où je sais pleinement moi et à moi sans diversion, sans obstacle, et où je puisse véritablement dire être ce que la nature a voulu”. ROUSSEAU, J.-J. “Deuxième Promenade”. *Oeuvres Complètes. Bibliothèque de La Pléiade*. Paris: Gallimard, v. I, p.1002.

resistência ou constrangimento, como se não estivessem, naquele momento, submetidas à ação do raciocínio lógico-conceitual, que se opera mediante a atuação do “eu” ativo, da faculdade do *entendimento*. O caráter passivo do ser diante dessas ideias que se lhe apresentam parece corroborar tal proposição. As análises do Capítulo IV do *Emílio* evidenciam, a partir do antagonismo entre o caráter passivo do *ser sensitivo* e a atividade do *ser pensante*, que o termo “ideias” não poderia denotar “pensamentos”, no sentido estrito do termo, isto é, como o resultado de operações mentais e intelectuais presididas pelo entendimento, já que nele, o “eu” é ativo:

Pela sensação, os objetos oferecem-se a mim separados, isolados, tais como existem na natureza; pela comparação, movimento-os, transporte-os, por assim dizer, coloco-os uns sobre os outros para julgar sua diferença ou sua semelhança e geralmente todas as suas relações [...]. Busco em vão no ser puramente sensitivo a força inteligente que superpõe e depois sentencia; não seria capaz de vê-la em sua natureza. Este ser passivo sentirá cada objeto separadamente, ou até sentirá o objeto total formado pelos dois; não tendo, porém, nenhuma força para dobrá-los um sobre o outro, nunca os comparará, não os julgará (Rousseau, 1995, p. 362).

Na *Segunda Caminhada*, a afirmação de que as ideias seguem sua própria inclinação, sem um rumo previamente determinado pelo sujeito, poderia ser um indicativo de se estar diante de uma operação mental restrita às imagens que vão sendo apreendidas de maneira passiva, inspiradas pelas sensações. A sequência do texto ratifica a imediatez e passividade na recepção desses conteúdos, a ausência de mediações na apreensão de si mesmo. Essa apreensão direta pela qual se dá o acesso ao seu ser mais íntimo é possível somente nos momentos de recolhimento e isolamento, condição favorável à imersão na solidão. Essa noção aqui se traduz na condição essencial para aceder à nossa natureza mais profunda, momento de afastamento social que reforça o sentimento de pertencimento a si e, ao mesmo tempo, impede que a ausência dos demais seja percebida como privação ou abandono, ao contrário do que se passa quando a noção de solidão está inserida no quadro de uma análise crítica das sociedades corrompidas, apresentada em suas obras teóricas.

Nos textos teóricos, o tema da solidão, adquire contornos de um individualismo egocêntrico, que pouco serve para o conhecimento de si e do mundo. O mundo é perpassado por obstáculos que impedem uma integração autêntica com o mundo à sua volta; cada pessoa sobrevive isolada pela barreira de seus próprios interesses egoístas. A hostilidade que marca as relações humanas decorre do caráter anônimo de laços sociais fixados com o estabelecimento da economia mercantil. O processo de perda da pura sensibilidade até o desenvolvimento do raciocínio, descrito no *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, articula-se por um duplo movimento: o confronto com os obstáculos naturais e a luta para sua superação que engendram as modificações mentais e intelectuais. O desenvolvimento do juízo, precedido pelo trabalho e pelo fazer

instrumental<sup>4</sup>, trazia modificações psicológicas, como a eclosão do orgulho, seguido por outras paixões (Rousseau, p. 261). Este é o momento da cisão entre o “eu” e o “outro” (Starobinski, 1995, p. 39) e representa, para o homem social rousseauiano, o início da perda de si mesmo.

Nesse sentido, o percurso da vida interior, relatado por Rousseau, nos *Devaneios*, parece se constituir no derradeiro esforço de construção do caminho de volta a si mesmo, após outras tentativas, no decorrer de sua vida. Na *Segunda Caminhada*, além do aspecto físico, pelo qual o isolamento social favorece o acesso à esfera íntima, se anuncia também uma alteração mental e intelectual do indivíduo: o arrefecimento da atividade da imaginação, que propiciaria o deslocamento da esfera do entendimento para aquela da sensibilidade, como lemos no segundo parágrafo. “*Minha imaginação já menos viva não se inflama mais como antes diante da contemplação do objeto que a anima, eu me enveneno menos pelo delírio do devaneio...*” (Rousseau, 1959, p. 1002)<sup>5</sup>. A ideia de um declínio da imaginação como fator auxiliar no acesso ao nosso ser mais íntimo parece coincidir com aspectos teórico-conceituais da obra de Rousseau. As exposições teóricas do *Emílio* mostram que as operações intelectuais são presididas pela faculdade do entendimento, mas dependem também da imaginação, faculdade que reproduz em nossa mente os objetos da realidade exterior. Ela é responsável também pelo movimento de sobrepor os objetos para compará-los e julgá-los, além de seu potencial para imprimir aos objetos novos contornos, em vista de seu caráter criativo. Por esse motivo, quando Rousseau constata, nos *Devaneios*, uma influência menos acentuada da imaginação sobre os conteúdos psíquicos da mente, nesta etapa de sua vida, deixa entrever o deslocamento do âmbito dos raciocínios lógicos e da imaginação para o da sensibilidade, no momento da imersão no universo da vida interior. Na sequência do texto, embora a noção de *solidão* não apareça de maneira explícita, a sutileza da expressão “hábito de retornar a mim mesmo” indica que a interação social do filósofo permanece bastante restrita, mas associada à ideia de bem-estar e contentamento proporcionado pelo estado contemplativo.

O hábito de retornar a mim mesmo me fez perder enfim o sentimento e quase a lembrança dos meus males; eu aprendi assim, por minha própria experiência, que a origem da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar verdadeiramente miserável aquele que sabe escolher ser feliz. Há quatro ou cinco anos, eu experimento costumeiramente

---

<sup>4</sup> Conforme aparece no *Discurso da Desigualdade*, onde se lê: “Essa foi a condição do homem nascente; essa foi a vida de um animal limitado inicialmente às sensações puras (...) Mas logo surgiram dificuldades e impôs-se aprender a vencê-las; a altura das árvores, que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais, (...) a ferocidade daqueles que procuravam nutrir-se deles, tudo o obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais que são os galhos de árvores, e as pedras logo se encontraram sob sua mão. Ele aprendeu a superar os obstáculos da natureza, a combater, se necessário, os outros animais, a disputar sua subsistência com os próprios homens, ou a compensar-se daquilo que era preciso ceder ao mais forte” (Rousseau, 1978, p.260).

<sup>5</sup> Tradução nossa. « Mon imagination déja moins vive ne s’enflamme plus comme autrefois à la contemplation de l’objet qui l’anime, je me enivre moins du délire de la rêverie... ».

as delícias internas que encontram na contemplação as almas amorosas e doces (Rousseau, 1959, p. 1003). Tradução nossa<sup>6</sup>.

Estar em constante imersão em si mesmo, por meio de estados meditativos, exige algum grau de afastamento da vida social. Em contrapartida, se dá a ampliação do saber sobre si mesmo e a reconciliação consigo, pelas quais se pode atingir um estado de bem-estar e plenitude. A mesma lógica por intermédio da qual a noção de “frequência mútua” do *Discurso da Desigualdade* permitia ampliar e aperfeiçoar os laços sociais aqui se enuncia. Assim como o laço social se intensifica por meio da convivência mútua dos diferentes atores sociais, a regularidade do voltar-se a si mesmo, por meio dos estados meditativos, aumenta a compreensão de suas motivações, e, em consequência, a possibilidade da superação dos conflitos.

A questão agora diz respeito à elucidação do tipo de solidão que se impõe àquele que queira dedicar-se a uma verdadeira reforma íntima, em vista do seu aprimoramento. Rousseau está plenamente convicto que o afastamento da vida social, se apenas se restringir ao aspecto material da vida humana, é insuficiente para produzir uma real mudança na esfera da vida interior, como nos diz o filósofo, na *Terceira Caminhada*, ao relatar a reforma íntima levada a efeito aos 40 anos.

Deixei o mundo e suas pompas, renunciei a todos os adornos; sem espada, sem relógio, sem meias brancas, enfeites dourados, penteados, com uma peruca bem simples, um traje de tecido rústico. Renunciei à posição que então ocupava, para a qual não estava apto, e passei a ser copista de música recebendo por página, ocupação pela qual sempre tivera um gosto manifesto (Rousseau, 2022, p. 58).

Embora insuficiente, a recusa de bens materiais apreciados pela sociedade de sua época, já se configura como uma forma de autonomia de pensamento que levará, nas etapas subsequentes, à conclusão da reforma pessoal. Esta é a primeira configuração da noção de solidão, um estado de isolamento e renúncia a um modo de vida baseado nos sinais indicativos de prestígio social. Por essa razão, ela é o ponto de partida para aquilo que Rousseau diz ser a “grande revolução” que se faria nele (Rousseau, 2022, p. 59).

Mas isso não basta, é preciso ainda um esforço para superar as paixões funestas para tornar possível uma mudança psíquica, capaz de suprimir a cupidez e a cobiça, já que estas paixões representam a valorização de tudo o que ele deseja abandonar (Rousseau, 2022, p. 58).

Não limitei a reforma pessoal às coisas externas. Senti que essa reforma exigia uma outra, sem dúvida mais penosa, porém mais necessária relativa às opiniões, e, decidido a não ter que refazê-las resolvi submeter meu interior a um exame severo, que eu regulasse pelo resto de minha vida da maneira como eu gostaria que ele se encontrasse na ocasião da minha morte... Uma grande revolução acabara de ocorrer em mim, um mundo moral diferente se

---

<sup>6</sup>“L’habitude de rentrer en moi-même me fit perdre enfin le sentiment et presque le souvenir de mes maux, p’appris ainsi par ma propre expérience que la source du vrai bonheur est en nous, et qu’il ne dépend pas des hommes de rendre vraiment misérable celui qui sait vouloir être heureux. Depuis quatre ou cinq ans je goûtais habituellement ces délices internes que trouvent dans la contemplation les âmes aimantes et douces”. Rousseau, J.-J. *Deuxième Promenade*, op. cit., p.1003.



desvelava aos meus olhos... Posso datar desta época minha total renúncia ao mundo e o gosto acentuado pela solidão, que, desde então não me abandonou. A obra que empreendia só podia ser executada em retiro absoluto; exigia longas e serenas meditações que o tumulto da sociedade não permitia. Isso me obrigou a levar por algum tempo outro modo de vida, no qual logo me senti tão bem que, tendo-o interrompido apenas à força e por poucos instantes, retomei-o com todo o meu coração e a ele me limitei sem dificuldade assim que pude. Quando, depois fui forçado pelos homens a viver sozinho, descobri que, ao me isolarem para me tornar miserável, eles haviam feito mais por minha felicidade do que eu soubera fazer (Rousseau, 2022, p. 58).

O que o filósofo pretende dizer exatamente quando fala de revolução? Seria apenas seu habitual exagero linguístico, uma maneira de intensificar ao seu grau máximo a qualidade da reforma íntima pretendida, sem alterar sua essência? No Livro IX das *Confissões*, a palavra “revolução” designava a subversão moral que se opera em Rousseau, recolocando-o no caminho da virtude, após a publicação do primeiro *Discurso*, conforme esclarece Marcel Raymond, nas notas à edição dos *Devaneios* da *Pléiade* (Rousseau, 1959, p. 1781). Tudo indica, portanto, que, nos *Devaneios*, a palavra indique o mesmo período, da vida do filósofo, relatado nas *Confissões*. Podemos observar que na citação da *Terceira Caminhada*, acima transcrita, a palavra “revolução” aparece associada àquilo que Rousseau considera ser a sua completa renúncia ao mundo. Esse é o momento em que o gosto pela solidão se desenvolve nele, totalmente imerso na obra à qual se dedicava na época, já que ela exigia reflexões profundas, e, portanto, condições favoráveis aos estados meditativos, que dificilmente podem se desenvolver no turbilhão de acontecimentos da vida em sociedade. A solidão aqui resulta de uma mudança no ritmo da vida cotidiana, ela nasce como um “retiro absoluto” (Rousseau, 2022, p. 59). Quanto à obra, à qual se refere, naquela passagem, trata-se da *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*<sup>7</sup>, cujas reflexões e análises dizem respeito à determinação do princípio a partir do qual se constitui o ser moral e, portanto, estão vinculadas ao tema da reforma pessoal, empreendida por ele, naquele momento.

Na *Terceira Caminhada* há um longo desenvolvimento em que Rousseau afirma permanecer tranquilo com os princípios por ele adotados, os quais tendo sido concebidos após muita reflexão tornam-se a “regra imutável” de sua “conduta e de sua fé”. Essa a razão pela qual, segundo ele, estão superadas as inquietações pelas objeções teóricas que não conseguiu resolver, referindo-se àquilo que denomina “argúcias e sutilezas metafísicas” (Rousseau, 2022, p. 63). Rousseau está convencido de que, não obstante experimentar por vezes tais inquietações, já não se sente abalado, pois os princípios fundamentais da razão, confirmados pelo coração, contém “o selo do assentimento interior no silêncio das paixões”, de tal maneira que não podem ser atingidos por argumentos inconsistentes, como se lê

---

<sup>7</sup> A *Profissão de Fé* só será publicada em 1762, no Capítulo IV do *Emílio*. No entanto, sua primeira versão data de 1757. Conforme Masson, *La Religion de Jean-Jacques Rousseau*, t. III, capítulo II: “*Les Professions de foi*” avant la “*Profession du Vicaire*”.

na *Terceira Caminhada*<sup>8</sup>. O ingresso na ordem moral regida por tais princípios fornece assim o apoio necessário<sup>9</sup>. A conexão entre suas concepções filosóficas e sua própria vida não poderia ser mais explícita.

A indagação a ser feita é se a determinação dos princípios morais, que culminam na elaboração do conceito de *consciência moral* (do *Emílio*), aliada às modificações que se pode imprimir à vida cotidiana bastariam para o aprimoramento da vida subjetiva. Somente ao final da vida, quando mergulha em seus devaneios e nas memórias das experiências vividas é que Rousseau pôde compreender que não. É verdade que ele encontrou, naqueles princípios morais, durante muito tempo, o apoio para suportar sua própria existência nos momentos cruciais de sua vida. Mas é somente a expansão do eu, impulsionada pelos devaneios, que insistem em irromper no percurso das caminhadas, ou nos momentos de descanso junto à natureza, que torna possível a transmutação da vida subjetiva que o levará à plenitude, como mostra a *Quinta Caminhada*.

A noção de solidão, apresentada por Rousseau nos *Devaneios*, é ainda a condição ideal para a consolidação do caráter e do espírito:

Foi assim que raciocinando comigo, consegui evitar que meus princípios fossem abalados por argumentos capciosos, por objeções insolúveis e por dificuldades além do meu alcance e talvez até do espírito humano. Meu espírito, mantendo-se na mais estável posição que lhe pudera dar, acostumou-se tão bem a repousar ao abrigo da minha consciência que nenhuma doutrina externa, antiga ou nova, pode comovê-lo, nem perturbar por um instante meu descanso. Caído na apatia e no entorpecimento de espírito, esqueci os raciocínios sobre os quais fundava a minha crença e minhas máximas, mas jamais esqueceria as conclusões que obtive com a aprovação de minha consciência e de minha razão, e a isso me atenho doravante. Que os filósofos venham tergiversar: perderão seu tempo e seus esforços (Rousseau, 2022, p. 68).

Longe do mundo, em que os signos representativos tomam o lugar das próprias coisas, o indivíduo não encontra obstáculos para permanecer em si mesmo<sup>10</sup>, e dedicar-se ao aprimoramento

---

<sup>8</sup> "Depuis lors, resté tranquille dans les principes que j'avois adoptés après une méditation si longue et si réfléchie, j'en ai fait la règle immuable de ma conduite et de ma foi, sans plus m'inquiéter ni des objections que je n'avois pu résoudre ni de celles que je n'avois pu prévoir et qui se présentoient nouvellement de tems à autre à mon esprit. Elles m'ont inquiété quelquefois mais elles ne m'ont jamais ébranlé. Je me suis toujours dit: tout cela ne sont que des arguties et des subtilités métaphysiques, qui ne sont d'aucun poids auprès des principes fondamentaux adoptés par ma raison, confirmés par mon coeur, et qui tous portent le sceau de l'assentiment intérieur dans le silence [404] des passions. Dans des matieres si supérieures à l'entendement humain, une objection que je ne puis résoudre, renversera-t-elle tout un corps de doctrine si solide, si bien liée et formée avec tant de méditation et de soin, si bien appropriée à ma raison, à mon coeur, à tout mon être, et renforcée de l'assentiment intérieur que je sens manquer à toutes les autres? Non, de vaines argumentations ne détruiront jamais la convenance que j'apperçois entre ma nature immortelle et la constitution de ce monde et l'ordre physique que j'y vois régner. J'y trouve dans l'ordre moral correspondant et dont le système est le résultat de mes recherches, les appuis dont j'ai besoin pour supporter les miseres de ma vie. Dans tout autre système je vivrois sans ressource et je mourrois sans espoir. Je serois la plus malheureuse des créatures. Tenons-nous-en donc à celui qui seul suffit pour me rendre heureux en dépit de la fortune et des hommes" (Rousseau, 1959, p. 1018).

<sup>9</sup> "J'y trouve dans l'ordre moral correspondant et dont le système est le résultat de mes recherches, les appuis dont j'ai besoin pour supporter les miseres de ma vie" (Rousseau, 1959, pp. 1018-1019).

<sup>10</sup> "La solitude champêtre où j'ai passé la fleur de ma jeunesse, l'étude des bons livres à laquelle je melivrai tout entier, renforcerent auprès d'elle mes dispositions naturelles aux sentimens affectueux, et me rendirent dévot presque à la

do seu saber sobre o mundo e sobre si mesmo. Aqui a solidão se define como uma situação de isolamento geográfico que contribui para a formação integral da pessoa humana.

A solidão campestre, na qual passei a flor da minha juventude, o estudo de bons livros, a que me entreguei inteiramente, reforçaram junto a ela minhas disposições naturais para os sentimentos afetuosos e me tornaram devoto quase à maneira de Fenelon. A meditação no recolhimento, o estudo da natureza e a contemplação do universo forçam um solitário a elevar-se de maneira constante ao Autor das coisas e a procurar com uma doce inquietude, a finalidade de tudo o que vê e a causa de tudo o que sente (Rousseau, 2022, p. 57).

Por fim, a solidão como representação da plenitude. No início da *Quinta Caminhada*, as descrições e impressões do filósofo da época em que viveu na pequena ilha de Saint Pierre, inserida no Lago de Bienne, desvelam o lugar por excelência da verdadeira felicidade<sup>11</sup>. Ela se traduz na simplicidade de uma vida descompromissada e pela ocupação mais agradável, a ociosidade, ou como prefere Rousseau, o *far niente*<sup>12</sup>. Nestes momentos finais de sua vida, em que se dá a reconciliação consigo mesmo, o filósofo se eleva a um estado de alma que permite usufruir do instante, das belas paisagens e da natureza à sua volta, sem sentir a necessidade de problematizar o vivido, os fenômenos e acontecimentos à sua volta, sem restrições ou culpa. Momento de plenitude de quem permanece impassível nas águas tranquilas do lago, mas também do destino, sem resistência, sem regras, sem controle de tempo, sem imposições de qualquer ordem. As belíssimas passagens da *Quinta Caminhada* que atingem seu clímax no *sentimento de existência* desvelam um universo em que sensações e imagens irrompem como guias de uma viagem magistral até as profundezas da alma. O estado de alma que nasce da transposição momentânea da esfera lógico-discursiva para aquela da sensibilidade, às expensas da natureza, conduz à imersão em si mesmo, ao sentimento de seu próprio existir, do qual já não deseja sair. Rousseau exprime a esperança de permanecer nesse estado de isolamento, enredado apenas consigo mesmo, e assim, segundo suas próprias palavras, terminar seus dias melhor do que quando passou por eles<sup>13</sup>. Mas, a permanência é ficção. A realidade material é

---

*maniere de Fénelon. La méditation dans la retraite, l'étude de la nature, la contemplation de l'univers forcent un solitaire à s'élançer incessamment vers l'Auteur des choses, et à chercher avec une douce inquiétude la fin de tout ce qu'il voit et la cause de tout ce qu'il sent*" (Rousseau, 1959, p. 1018).

<sup>11</sup> "De toutes les habitations où j'ai demeuré (et j'en ai eu de charmantes,) aucune ne m'a rendu si véritablement heureux et ne m'a laissé de si tendres regrets que l'Isle de St. Pierre au milieu du Lac de Bienne. Cette petite Isle qu'on appelle à Neuchâtel l'Isle de La Motte, est bien peu connue, même en Suisse. Aucun voyageur, que je sache, n'en fait mention. Cependant elle est très-agréable et singulièrement située pour le bonheur d'un homme qui aime à se circoncrire; car quoique je sois peut-être le seul au monde à qui sa destinée en ait fait une loi, je ne puis croire être le seul qui ait un goût si natu.rel, quoique je ne l'aye trouvé jusqu'ici chez nul autre". (Rousseau, 1959, p. 1040).

<sup>12</sup> Troisième Promenade : "Quel étoit donc ce bonheur et en quoi consistoit sa jouissance? Je le donnerois à deviner à tous les hommes de ce siècle sur la description de la vie que j'y menois. Le précieux *far niente* fut la première et la principale de ces jouissances que je voulus savourer dans toute sa douceur, et tout ce que je fis durant mon séjour, ne fut en effet que l'occupation délicate et nécessaire d'un homme qui s'est dévoué à l'oisiveté. (Rousseau, 1959, p. 1040).

<sup>13</sup> "L'espoir qu'on ne demanderoit pas mieux que de me laisser dans ce séjour isolé où je m'étois enlacé de moi-même, dont il m'étoit impossible de sortir sans assistance et sans être bien aperçu, et où je ne pouvois avoir ni communication

transpassada pela transitoriedade, pela inconstância. A existência de todas as coisas está subordinada a uma lei implacável: a mutabilidade, a mudança constante de todas as coisas. “Tudo está em um fluxo contínuo na Terra. Nada mantém uma forma constante e fixa, e nossas afeições, que se ligam às coisas externas, passam e mudam necessariamente como elas” (Rousseau, 2022, p. 101).

A solidão, tal como aparece na *Quinta Caminhada*, é, antes de tudo, expressão de movimento, ela é *fluxo e refluxo*. Do mesmo modo como o movimento contínuo das águas, os movimentos da alma inspirados pelo ritmo dos devaneios, fazem eclodir uma tranquilidade e calma, que somente esta forma de solidão, ornada pelo quadro da exuberância da natureza é passível de ocasionar.

Quando a noite se aproximava, eu descia dos cumes da ilha e, com prazer, sentava-me na praia à beira do lago, em algum lugar escondido. O barulho das ondas e a agitação da água fixavam meus sentidos, e afastavam de minha alma toda outra agitação, mergulhando em um delicioso devaneio, onde a noite muitas vezes me surpreendia sem que eu percebesse. O fluxo e refluxo das águas, seu barulho contínuo, cada vez mais forte, atingia igualmente o ouvido e os olhos, completando os movimentos internos que o devaneio extinguiu em mim, e isso bastava para sentir com prazer minha existência sem perder-me em pensamentos. De vez em quando, nascia uma reflexão fraca e breve sobre a instabilidade das coisas deste mundo, da qual a superfície das águas me oferecia a imagem. Mas logo essas ligeiras impressões desapareciam na uniformidade do movimento contínuo que me acalmava e que sem qualquer concordância de minha alma me mantinha fixado naquele ponto; não fosse o chamado da hora e do sinal combinado, eu poderia ali permanecer sem esforço (Rousseau, 2022, p. 100).

A solidão pela qual se dá o acesso ao nosso ser mais íntimo não implica, porém, um “silêncio absoluto”, pois esse, segundo a compreensão do filósofo, é incapaz de despertar os movimentos da alma que levam a um estado de tranquilidade e calma. Ele chega mesmo a associar o silêncio absoluto à tristeza e à imagem da morte (Rousseau, 2022, p. 103).

É preciso que o coração esteja em paz e que nenhuma paixão venha perturbar sua calma. Para tanto, são necessárias certas disposições da parte daquele que as experimenta e o auxílio dos objetos que o rodeiam”. Não é preciso nem repouso absoluto nem agitação em excesso, mas um movimento uniforme e moderado, sem solavancos, nem intervalos (Rousseau, 2022, p. 103).

Os sons da natureza são assim altamente inspiradores para os estados contemplativos e meditativos. Ao mesmo tempo que preservam o indivíduo do ruído interno provocado pelos pensamentos, aqueles sons mantêm o espírito num movimento suave, permitindo o ir e vir dos devaneios que se alternam, entremeados por conteúdos mentais passageiros. Rousseau se pergunta se podemos chamar de felicidade um tal estado fugidivo<sup>14</sup>, constituído por momentos agradáveis que vem e vão ao sabor dos movimentos do espírito humano (Rousseau, 1959, p. 1046). Seria a felicidade apenas uma ilusão? Os movimentos da alma permitem escapar do pensamento lógico-conceitual,

---

*ni correspondance que par le concours des gens qui m'entouroient, cet espoir, dis-je, me donnoit celui d'y finir mes jours plus tranquillement que je ne les vois passés...*” (Rousseau, 1959, p. 1042).

<sup>14</sup> “*A peine est-il dans nos plus vives jouissances un instant où le coeur puisse véritablement nous dire: je voudrais que cet instant durât toujours. Et comment peut-on appeler bonheur un état fugitif qui nous laisse encore le coeur inquiet et vide, qui nous fait regretter quelque chose avant, ou désirer encore quelque chose après?*” (Rousseau, 1959, p. 1046).

conduzindo ao deslocamento para uma dimensão mais profunda da mente, um estado psicoemocional de um presente perpétuo, pelo qual o novo ser que se constitui não necessita de nada além de si mesmo, podendo ascender a um estado de plenitude. É isso que permite a identificação com a felicidade. Desfrutar do seu próprio existir, num presente perpétuo, para além dos estados emotivos que subjugam a alma, essa é a verdadeira face da felicidade, somente possível neste espaço-tempo único e intangível.

Se há um estado em que a alma encontra um alicerce sólido o bastante e ali reunir todo o seu ser, sem necessidade de recorrer ao passado, nem se transportar para o futuro, em que o tempo nada seja para ela, em que o presente dure para sempre, sem, no entanto, marcar sua duração e sem nenhum sinal de sucessão sem nenhum outro sentimento de privação ou de fruição, de prazer ou de dor, de desejo ou de medo, além do sentimento de nossa existência, e que esse único sentimento a preenchesse inteiramente - enquanto esse estado perdure, quem nele se encontra poderá dizer-se feliz, não uma felicidade imperfeita, pobre e relativa, tal como aquela encontrada nos prazeres da vida, mas uma felicidade autosuficiente, perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazío a ser preenchido. Tal é o estado em que eu frequentemente me encontrava, na Ilha de Saint Pierre, durante meus devaneios solitários, fosse deitado em meu barco, quando o deixava à deriva, ao sabor das águas, fosse sentado às margens do lago agitado, ou em outro lugar, à beira de um belo riacho ou de um córrego a murmurar sobre o cascalho (Rousseau, 2022, p. 102).

O “sentimento de existência” da *Quinta Caminhada* traduz o universo interior como o lugar por excelência da auto-suficiência, do equilíbrio e da paz, dimensão inacessível à maior parte dos indivíduos, mergulhados que estão nas “*impressões sensuais e terrestres*” que vêm distraí-los de si mesmos. Esses, dominados pelas paixões, não conseguem sair da obscuridade de uma condição de existência que os impede de estar em si, de ter acesso a outras dimensões de si mesmo. Os diferentes níveis, aos quais se tem acesso pelos movimentos da alma, que são suscitados pelos devaneios, estando fundados nos sentidos internos, fazem surgir o sentimento de contentamento de quem se “*bastar a si mesmo, como um Deus*”. Como se estivesse diante da duplicação da realidade. Um novo mundo se desenha e se instaura sob novas regras: sem sofrimento, sem dor, sem conflitos, sem tempo ou espaço, sem palavra, situado numa galáxia distante, afastada do convívio social, onde o único habitante, sempre em paz e satisfeito consigo mesmo, é, ao mesmo tempo, o Criador e a criatura.

O *sentimento de existência* é concebido como o fundamento do saber sobre si mesmo. Ele permite captar a própria existência da maneira mais completa e aceder à verdade sem a necessidade de recorrer a estruturas lógico-discursivas, mas tão somente pela sensibilidade que, ao aprimorar no homem a maneira pela qual se dá a apreensão de seu próprio existir, torna plausível a expressão do que está sendo vivenciado. Mas, como exprimir o que está para além da verbalização? Se o discurso que exprime a experiência mesma do *sentimento de existência* não se elabora sob o viés de procedimentos analíticos, nem recorre a conceitos e estruturas do pensamento é porque para transmitir os movimentos da alma é preciso conferir um caráter intersubjetivo às suas descrições e Rousseau sabe disso. O uso da primeira pessoa é o recurso utilizado para tornar acessível a experiência pessoal,

não obstante seu caráter intangível. A esse recurso se acresce a transposição do “eu” para uma dimensão fora do tempo; transposição que inspirada pelos fenômenos da natureza, como o ritmo constante das águas de um lago, engendra um estado de alma propício ao equilíbrio entre o desejo e sua satisfação, isto é, um estado que por estar despojado de qualquer carência faz irromper a “felicidade perfeita e plena”.da qual nos fala Rousseau.

## **Considerações Finais**

Vimos que o enfraquecimento da esfera da sensibilidade se dá no decorrer do processo em que as faculdades mentais e intelectuais se desenvolvem e os desejos se ampliam. Esse processo favorece a sujeição da instância interior dos indivíduos às imposições do mundo à sua volta, dando lugar ao predomínio de forças externas, denominadas por Rousseau *tiranía da opinião*. Esse movimento de auto abandono e sujeição à opinião pública - já vislumbrado por Rousseau, nas sociedades ocidentais modernas, como algo nefasto para a humanidade torna-se cada vez mais amplo e explícito nas sociedades contemporâneas. As forças externas adquirem um poder incomensurável no controle da consciência humana, e isso se dá pelo fato de a dominação não se constituir num processo meramente exterior, mas por se constituir num processo capaz de superar as fronteiras do corpo e instalar-se na dimensão da psique humana, na qual se constitui a heteronomia. Se entendermos o problema da perda da sensibilidade e da supressão da dimensão da vida interior, como mecanismo de intensificação dos instrumentos de controle social, temos que admitir que a superação da opressão do mundo exterior supõe que o indivíduo seja capaz de se projetar para além dos estreitos limites impostos pela vida cotidiana, precisamente o que a dimensão inaugurada pela solidão e pelo *sentimento de existência* torna possível.

Na dimensão inaugurada pela *solidão* e pelo *sentimento de existência*, o indivíduo se projeta para além dos estreitos limites da vida cotidiana, cuja esfera de percepção dos objetos se definia pelas fronteiras entre o ego e o mundo exterior, representado, no limite, pelo mundo social. Existir nessa nova dimensão que se inaugura é sair da condição que colocava em polos opostos o interior e o exterior para estar agora em harmonia com todos os objetos que se lhe apresentam. A plena identificação entre essas duas instâncias, as quais, na obra teórica de Rousseau, aparecem comumente opostas na realidade cotidiana, aqui se opera sem qualquer dificuldade, já que as características específicas de cada uma delas são mantidas. O mundo interior é resguardado em sua integridade, sem os desvios que atingem o ego narcísico, atormentado pelo desejo de se destacar na vida social. Aqui não mais se trata de contrapor duas instâncias distintas como são entre si o homem e o mundo, mas, pelo contrário, uma superação dessa oposição se anuncia e se realiza integralmente.

## **Referências**

- BACZKO, Bronislaw. **Rousseau: solitude et communauté**. Paris: Mouton, La Haye, 1974.
- FREITAS, Jacira de. **A dimensão atemporal na reconstituição do homem**: uma leitura dos Devaneios de um Caminhante solitário de J.-J. Rousseau”. In: CORREIA, Adriano (Org.); FREITAS, Jacira de (Org.); GUIMARÃES, Livia Mara (Org.); SANTOS, Antonio José dos (Org.). **Filosofia do Século XVIII**. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2017, v., p. 180-199.
- GOLDSCHMIDT, Victor. “Le problème de la civilization chez Rousseau”. In **Manuscrito**, Vol. III, nº 2, abril de 1980, pp. 93-126.
- GOLDSCHMIDT, Victor. **Anthropologie et politique: les principes du système de Rousseau**. Paris: Vrin, 1974.
- POLIN, Raymond. Polin, R. **La politique de la solitude**. Paris: Sirey, 1976.
- PRADO JR., Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organização e apresentação Franklin de Matos. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosacnaify, 2008.
- RAYMOND, M. **Notes et variantes**. *Les Rêveries du Promeneur Solitaire*. In *Oeuvres Complètes*. *Bibliothèque de La Pléiade*. Paris: Gallimard, v. I, 1959.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes**. Paris : Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1959, V. I: “Les Confessions”, “Rousseau Juge de Jean Jacques” e “Les Rêveries du Promeneur Solitaire, pp. 993-1099.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Devaneios do Caminhante Solitário**. Traduzido por Jacira de Freitas; Cláudio A. Reis. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo**. São Paulo: Schwarcz, 1991.

Recebido em: 30/06/2024

Aprovado em: 30/08/2024